

Redacção e administração
R. de S. Martinho

Aveiro

POVO DE AVEIRO

SEMÁNARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,

EDITOR, Manuel Homem Christo

Numero 222

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

4.º Anno

DOIS ACONTECIMENTOS

As eleições de Lisboa.

A conferencia do sr. Bernardino Machado.

Dois acontecimentos importantes. E ambos elles conteem lições e avisos, que devem ser meditados e aproveitados pelos republicanos.

A eleição de Lisboa não foi um desastre para a causa democratica. Esteve muito longe d'isso. Podemos mesmo dizer: foi uma esperança. E não dizemos isto como falso optimismo, para effeito politico ou para effeito rhetorico. Felizmente, toda a gente nos conhece. E' sempre de vantagem conhecermo-nos uns aos outros. E como toda a gente nos conhece, toda a gente sabe que se peccamos por alguma coisa não é por optimismos exaggerados, nem por especulação partidaria ou espirito de lisonja, seja deante dos republicanos, seja deante dos monarchicos. Sentimos o que dizemos e dizemos o que sentimos, agrada a quem agrada ou desagrada a quem desagrada, virtude selvagem, que vae rareando n'este meio apodrecido da nossa civilização.

A eleição de Lisboa foi uma esperança para a causa democratica. O governo faz os recenseamentos á sua ventade, ha muito tempo. Os republicanos abandonaram-nos por completo, ha muito tempo tambem. O governo, portanto, recenseou quem quiz, e como quiz. Ora para quem recenseia pelos processos que todos nós conhecemos, para quem dispõz da policia, da guarda municipal, dos empregados do municipio, de grande parte da burocracia civil e militar, do pessoal d'algumas das mais poderosas companhias, para quem commetteu fraudes revoltantes, especialmente nas assembleias ruraes, os votos da maioria foram poucos, e em vez de constituirem uma segurança para a monarchia deixam a descoberto uma ameaça.

Para os republicanos, expulsos em parte—todos os que eram conhecidos—dos cadernos do recenseamento, sem recensearem os elementos que lhes podessem ser mais favoraveis, victimas de todos os abusos e de todas as fraudes durante o acto eleitoral, nas assembleias suburbanas pelo menos, desanimando com o seu desanimo, porque a propaganda feita na semana que procedeu o dia das eleições parecia uma propaganda de moribundos, propaganda de quem está convencido de que vae morrer, sem dinheiro, sequer, para mandarem pelo correio uma lista a cada eleitor, e isto bastou para lhes tirar centos de votos—não o duvida ninguem que conheça os possos habitos—

para os republicanos, com todas essas fallhas e causas deprimentes, os votos que obtiveram não representam um desastre mas uma esperança.

Os votos dos monarchicos não foram muitos, os votos dos republicanos não foram muito poucos, dadas as circumstancias de uns e de outros. E entre votos de monarchicos e votos de republicanos interpõe-se uma massa enorme d'eleitores que se abstiveram. E eis aqui a ameaça á monarchia e a esperança dos republicanos.

Sim! Eleitores que se absteem, são, por via de regra, eleitores que, indo á urna, votam com as opposições. Sempre que cresce o numero de votantes crescem os votos dos candidatos da opposição. E' o que a experiencia nos demonstra.

A monarchia não teve votos espontaneos. Teve votos de serventurios e votos d'imposição, á parte as fraudes e maroteiras de toda a ordem. A republica teve votos conscientes e sinceros.

Isto falando sem rhetorica e sem proposito nenhum d'armar ao effeito. Mas, d'ir-nos-hão, esses tantos, que se abstiveram, se não teem confiança na monarchia tambem a não teem na republica. Sem duvida. Mas a differença é esta: é que na monarchia nunca mais a terão e na republica não a teem por enquanto. A differença é essa. Differença significativa, eloquente, capital.

E não terão razão para não terem, por enquanto, confiança na republica?

Teem, teem. E ali é que os republicanos devem attentar e meditar. Não saltem levanamente, já lh'o dissémos n'outro dia, por cima das coisas. Pensem. Meditem. A confiança publica, tambem já o dissémos, não se readquire n'uma hora. Os republicanos desacreditaram-se por circumstancias várias. Tantos annos aqui levámos a prophetisar-lhe esse desastre! E sem nos quererem ouvir! Desacreditaram-se por circumstancias várias e uma d'ellas foi, precisamente, a incapacidade de que déram provas no municipio de Lisboa. Erros, transigencias politicas, errada comprehensão da disciplina partidaria, falta d'energia moral? Tudo junto, talvez. Mas, fosse o que fosse, foram cúmplices em alguns dos mais graves desvarios do municipio de Lisboa, e não souberam protestar com energia, e a tempo, contra outros. Os monarchicos disseram no e disseram bem. Essa é a verdade. E a verdade acima de tudo. E agora, que já lá vão as eleições, não fica mal a ninguem dizer-la e não é mau para ninguem ouvi-la.

Os factos teem demonstrado

aos republicanos que são mais perigosas as mentiras do que as verdades. Com a verdade apprende-se sempre alguma coisa. Com a mentira não se aprende coisa nenhuma. A mentira conduz-nos ao abysmo, por atalhos, por caminhos escusos e escuros. A verdade guia-nos por caminho illuminado, largo e direito.

Apprendam com os factos. Reconheçam nobremente, em consciencia, que teem errado, que teem delinquido, e que esses erros e delictos explicam e justificam a desconfiança publica. E redimam-se, que não será difficil levar, de novo, o alento, o enthusiasmo, ao coração de muitos, se quizerem.

A conferencia do sr. Bernardino Machado, a adhesão, á causa republicana, d'esse publicista eminente, é uma nova esperança, é outro facto importante, consolador e benéfico. Se os republicanos o souberem aproveitar!

Attendam. Quem escreve estas linhas é republicano, sempre o confesso activamente, sempre d'isso se orgulhou, e pela causa da democracia e da Republica tem trabalhado sem descanço. Mas não é um partidario, na accepção restricta e mesquinha d'este termo. Nem será. Não toma assento, nem tomará, nas assembleias do partido. Não pôde ser, portanto, suspeito d'ambições, de aspirações, de vaidades d'influencia ou de mando. Não tem medo que lhe roubem o penacho, nem quer rouba-lo a ninguem. Attendam, pois.

Não deixem subsistir no publico a impressão de que o partido republicano é uma synagoga, onde não vive um espirito largo e ativo, onde não brilha uma idéa, onde não fulgura uma estrellia. Uma synagoga, onde será apedrejado, assoviado, enlameado, lapidado, maculado ao menos, aquelle que, reverente, não accéptar a lei dos sacerdotes investidos. Essa impressão existe. Essa impressão é velha. E, por desgraça, não deixa de ter seu fundamento.

Attendei, que é grave!

O sr. Bernardino Machado é um homem d'alta estatura intellectual e moral. Honra uma causa. Nobilita um partido. Foi para a Republica como vae um philosopho, como vae um coração, como vae um cerebro. Mas supponhamos—e a hypothese é admissivel, já porque todas as hypotheses o são mais ou menos, já porque eu vejo que a perfidia não tardou a erguer o collo em Lisboa—mas supponhamos que abraçou a causa republicana por despeito. Ainda assim seria um homem digno. N'um paiz em que tudo se roja, em que se engolem as maiores affrontas, em que se lambe a mão que esbofeteia, um ex-ministro

d'estado, um lente qualificado da Universidade de Coimbra, ex-ministro d'estado e professor de verdadeiro talento, que se nega a ser tudo quanto quizesse ser dentro da monarchia com a condição de levar pontapés, de ser cuspidor, ajoelhando ainda, para engraxar, de joelhos, a bota que o affronta, esse homem, no meio de tantos pulhas, é mais do que um homem digno, é uma synthese de protesto, é um grito de revolta, é um facho de luz que resplandece n'uma noite negra d'infamias, n'uma noite cerrada, n'uma noite densa d'ignominias.

Ou os republicanos erguem bem alto essa luz, até á altura e cathegoria de pharol, ou se correm sobre ella como morcegos, apavoraram para sempre essa pobre consciencia nacional, que corre os ares como alma penada, espreitando anciosa a porta da bemaventurança que ha seculos se lhe fecha obstinadamente.

Oh! não. Acalentae a esperança, republicanos. Abri de par em par as portas da Republica, as portas da redempção, as portas do futuro a outros que estão prestes a entrar.

Já um dos vossos jornaes lançou a semente da desconfiança. Cerrae fileiras, para que a semente não germine.

Ou atraz de Bernardino Machado virão outros, ou atraz de Bernardino Machado NUNCA MAIS, NUNCA MAIS, NUNCA MAIS virá ninguem.

Attendei e acutelae-vos. Que parecendo que não é nada, o caso é gravissimo.

INSTRUÇÃO SECUNDARIA

Continuam os jornaes a protestar, melhor ou peor, contra o actual regimen de instrução secundaria. Uns, a maioria, orientam as suas censuras pelo pouco aproveitamento dos alumnos. Outros entram em considerações de ordem mais elevada, e querem todo o ensino scientifico, todo o ensino pratico, todo o ensino tecnico, sendo proscripto das escolas o ensino classico.

A'quelles, aos que clamam pelo pouco aproveitamento dos alumnos sem indagarem das causas, recommendamos a leitura d'um livro recente de Gustavo Le Bon—*Psychologie de l'Éducation*. Ah! encontrarão esta grande verdade, que Gustavo Le Bon afirma a proposito do *inquerito parlamentar* (Em França) sobre a reforma do ensino: «O inquerito cobriu de flores os professores e de maldições os programmas. Deveria ter feito o contrario, com pouca differença.»

O contrario seria cobrir de maldições os professores!

E continúa o auctor do livro n'este tom:

«Supponhamos, com effeito, que, por um poder mágico, desappareciam os obstaculos em que todas as reformas teem esbarra-

do. Que os preconceitos das familias se evaporavam, que appareciam programmas perfeitos, com excellentes methodos de ensino. Tudo mudava, não é assim? Pois ficava tudo na mesma.

Porque? Simplesmente porque não se modificava o estado mental dos professores. Aceitariam, sem duvida, com a maior docilidade, como teem feito até aqui, todas as alterações nos programmas. Inclinar-se-hiam até ao chão deante das circulares ministeriaes. Mas continuariam a ensinar como sempre o teem feito, pelo unico motivo de não poderem ensinar d'ontra maneira.»

Eis uma grande verdade. Verdade que se o é a respeito da França muito mais o é, por tantos motivos, a respeito de Portugal.

Comtudo, por esta covardia e por esta ignorancia que tanto caracteriza o homem que faz uso da penna entre nós, ninguem afirma resolutamente essa grandissima verdade.

Aos outros, aos que só querem sciencia, tratando com desdem as humanidades, recommendamos a leitura de tres livros de um homem eminente—Alfred Fonillée—*La France au point de vue morale, L'Enseignement au point de vue national, Les Etudes classiques et la démocratie*. Talvez que, depois de os lêrem, não se deixem arrastar tão facilmente por essa corrente, que vem lá de fóra, prescrevendo os estudos classicos.

Lá de fóra, sim. N'este paiz não ha idéas. Com a differença de que lá fóra ha correntes opostas que se conjugam, em geral, n'uma resultante benéfica.

Ahi Fonillée combate vivamente esse espirito utilitario, mercantil, estreitamente individualista, a que nos pretendem arrastar os taes que proclamam o predomínio absorvente, o triumpho exclusivo dos estudos praticos. Ahi sustenta eloquentemente que as facultades verdadeiramente desinteressadas e humanas, as que devem ser estremadas de todas as outras, são o amor da verdade pela propria verdade, o amor do bello, o amor do bem universal. Ahi faz a differença entre a sciencia de vistas geraes e philosophicas, e a sciencia industrial, que é o desideratum supremo dos reformadores de má morte. Ahi afirma, com Stuart Mill, que o espirito do homem se amesquinha, necessariamente, que o vôo dos seus sentimentos para os grandes fins da humanidade se torna miseravelmente rasteiro, quando todos os pensamentos d'esse homem se concentram em classificar insectos, em resolver equações, em fabricar alfinetes ou agulhas.

Um poeta, exclama, é ainda mais importante para a humanidade do que um botanico. Um botanico perdido encontra-se. Um poeta perdido não se substitue.

Fonillée pretende que os proprios officiaes militares recebam uma forte cultura philosophica, n'um fim de educação moral e social e não de pura instrução.

Tem razão. E é de lamentar que os proprios jornaes democraticos se deixem ir, irreflectidamente, como sempre, n'essa deploravel corrente de utilitarismo, de industrialismo; que certos sábios, com pretensões a reforma.

dores, proclamada como salvadora na reforma da instrução secundária.

Estude-se chimica prática. Ninguém contesta a conveniência d'esse estudo. Estude-se mechnica applicada. Estude-se o que se queira n'um fim de utilidade immediata. Mas d'ahi até lançar ao ostracismo as humanidades vae uma grande differença.

D'esse espirito de utilitarismo estreito, d'esse egoismo feroz que vem d'uma assignalada incultura, soffremos nós demasiado, até n'aquelles que se dizem *litteratos*, para os quaes tudo se cifra no amor de si proprios, servido por um mesquinho objectivo de forma. O que menos se sabe entre nós é precisamente aquillo que constitua a essencia das *humanidades*.

Se soffremos, não é do excesso de humanidades que vem o soffrimento.

Oxalá que a imprensa democratica não concorra com os seus desvarios para um novo golpe na democracia.

De philosophos é que nós carecemos.

Officiaes para a Guarda Municipal, juizes, sem *humanidade* e sem *humanidades*, para a Bastilha da Estrella e outras, traficantes, falsificadores, candongueiros e almocreves formados, já nós temos em excesso.

REGISTO CIVIL

Na ultima terça feira registouse em Aveiro o nascimento d'um filhinho do nosso prezado amigo Antonio Maria Ferreira. Foram testemunhas do registo os nossos amigos Manuel Ferreira e Joaquim dos Santos Silva, que para isso vieram de Lisboa e Braga. Tambem vieram de Lisboa assistir ao acto os nossos amigos João Ferreira e Cerqueira, e de Coimbra o sr. capitão Homem Christo, velho amigo da familia Ferreira.

Foi uma festa intima, de caracter democratico. O nosso prezado amigo Antonio Maria Ferreira, que é da velha guarda republicana, mais uma vez affirmou o amor dos principios que toda a vida lhe valeram amor e dedicacão.

Varios registos civis se tem feito nos ultimos annos em Aveiro. Os primeiros registos de nascimento foram feitos por um dos fundadores d'este periodico. O primeiro registo de casamento foi o do sr. capitão Homem Christo, que mais tarde registou aqui o nascimento de sua primeira filha, morta n'esta cidade quando a denuncia de varios miseraveis que se diziam republicanos o levou ás prisões do Porto. Foi tambem registado civilmente o obito d'essa creança. Seguiram-se outros registos de casamento e nascimento, sendo o ultimo aquelle ao qual dedicamos esta noticia especial.

Ao nosso amigo Antonio Maria Ferreira os nossos parabens e os nossos applausos.

O sr. ministro da guerra determinou que todas as praças do exercito que se queiram licenciar possam fazel-o até ao fim do corrente mez.

CALOTES OFFICIAES

Quando é que o governo se resolve a pagar o jornal a quem trabalha e aos fornecedores das obras do Estado?

Consta-nos que em Aveiro já difficilmente se arranja quem o sirva e o forneça, tal é o numero de calotes por ali pregados.

Não é isto uma vergonha?

Cartas d'Algures

6 DE NOVEMBRO.

O livro de Eduardo Bellamy não representa uma soluçãõ pratica do collectivismo. Mas a comparacão da sociedade com o coche prodigioso, a que a massa da humanidade estava atrelada puxando *Davariosamente* por uma caminha montuosa e arenosa, é perfeita.

«O cocheiro era a Fome, e não permittia demora, ainda que o passo tinha de ser forçosamente muito vagaroso. A despeito da difficuldade do caminhar do coche por uma estrada tão longa e tão aspera, o tejadilho ia cheio de passageiros que nunca desciam nem nas subidas mais ingremes. Os assentos no tejadilho eram muito arejavais e confortaveis. Completamente livres do pó, os que os occupavam podiam destructar com todo o vagar a paisagem, ou disontir criticamente o merito das fatigadas parellhas. Como era natural, esses logares tinham grande procura e era ardente a lucta para os conquistar, sendo a principal occupacão de cada um apanhar um logar no coche e deixa-lo depois da sua morte a seu filho. Pelo regulamento do coche, podia cada qual deixar o seu logar a quem quizesse, mas por outro lado davam-se muitos accidentes que podiam fazer a cada instante que esses logares de todo se perdessem.

Por isso mesmo que eram muito commodos, esses logares, esses logares eram tambem muito pouco seguros, e a cada solavanco subito do coche eram varias pessoas sacudidas lá de cima, e cahiam ao chão, sendo immediatamente compellidos a agarrar nos tirantes e a ajudar a puxar o coche, em que até ali se tinham pavonendo tão agradavelmente. Considerava-se evidentemente um terrivel infortunio o perder cada qual o seu logar, e a apprehensão de que isto lhes pudesse acontecer a elles ou aos seus amigos era uma nuvem constante que turvava a felicidade dos passageiros.

Mas pensavam elles só em si proprios? perguntareis. Não se lhes tornava intoleravel o luxo pela comparacão com a sorte dos seus irmãos e irmãos condemnados a puxa-los, e com o saberem que o seu peso ainda lhes ia aggravar o trabalho? Não tinham dó d'esses seres da mesma especie de quem só a fortuna os distinguia? Oh! sim! frequentemente aquelles que iam refestelados no coche mostravam commiseracão dos que tinham que puxar, especialmente quando o vehiculo chegava a um mau sitio da estrada, como acontecia constantemente, ou a uma encosta muitissimo ingreme.

N'essas occasiões os desesperados esforços das parellhas, a agonia manifestada pelos seus saltos e pelas suas quedas debaixo das implacaveis chicotadas da Fome, apresentavam um espectáculo muitissimo afflictivo, que muitas vezes provocava manifestações de sentimento muito louvaveis da parte dos passageiros cá de cima. N'essas occasiões os passageiros gritavam para baixo dirigindo palavras animadoras aos que trabalhavam nos tirantes, exhortando os a ter paciencia, e suggerindo-lhes esperanças de possivel compensacão no outro mundo para a dureza da sua sorte, enquanto outros faziam subscripções para se comprarem emplastos e linimentos para os estropeados e feridos. Concordava-se que era pena realmente que custasse tanto a puxar o coche, e havia um sentimento geral d'allivio quando se acabava esse mau pedaço de estrada. E' certo que esse allivio não era completamente por causa das parellhas, era tambem porque n'aquelles maus sitios havia perigo sempre de se virar o carro, perdendo todos então os seus logares.

Em verdade deve-se comprehender que o principal effeito do espectáculo da miseria dos que trabalhavam nos tirantes era dar aos passageiros um sentimento ainda mais alto do valor dos seus assentos no tejadilho do coche, e fazer com que se agarrassem a elles mais desesperadamente do que até ali. Bastava que os passageiros podessem ter a plena certeza de que nem elles nem os seus amigos cahiriam

do alto do coche, para que, segundo todas as probabilidades, depois de terem subscrito para se comprarem linimentos e ligaduras, se importassem pouquissimo com o que succedia aos que puxavam o coche.»

Perfeito. Nem mesmo aquelles dos nossos leitores, que saboreavam esse bocado de prosa na epocha em que ella se publicou, deixarão de sentir um certo prazer em a recordar.

Mas a respeito de alimárias, ha-as mais bem tratadas e mais mal tratadas, mais bravas e mais mais mansas, mais resignadas e menos resignadas. E a respeito de cocheiros e alquiladores tambem os ha mais humanos e menos humanos, mais brutos e menos brutos.

Estes nossos cá de Portugal são tudo quanto ha de mais bruto. Por isso mesmo, os que trabalham nos tirantes, as parellhas que entre nós puxam ao coche andam verdadeiramente escanze-ladas.

Um bom alquilador a primeira coisa a que attende é ao bom trato das suas cavalgadas. Não as quer esfomeadas, nem estafadas. Senão, rendem-lhe menos. Um mau alquilador attende só ao lucro immediato, e, arrastado pelo espirito de ganancia, arrebeta as alimárias. Mas arrebeta-se tambem a si. *Alquilador arrebetado!* E' até o nome que lhe dá o bom criterio popular.

Mata as cavalgadas á força de trabalho e de maus tratos. Mas acaba elle tambem por pedir esmola.

Ora é precisamente a situação nacional. Os nossos dirigentes não passam, todos elles, d'alquiladores arrebetados.

Lá fóra, a iniciativa individual exercê-se largamente em favor das classes populares, como temos visto, como temos demonstrado. Umavez é humanitarismo, outras vezes é interesse. Humanitarismo muitas vezes, até n'aquelles que dêram largas provas de egoismo. Cecil Rhodes não foi modelo de humanidade. Contudo, fez reverter a sua enorme fortuna a favor dos mesmos que em vida explorou. Instruir o povo, elevar-lhe o nível moral e intellectual é dar-lhe os meios da conquista do pão e do poder. E, conquistado o poder, elle que decreta a sua emancipação.

Não se póde dizer que em muitos d'esses que, nos paizes cultos, dotam as escolas com quantias enormes, legam fortunas collossaes ao derramamento da instrucção, não haja um grande espirito de equidade, um grande fundo de philantropia e de justiça. E' exactamente em doações e trabalhos d'essa ordem, e não em doações de misericordia, que essa philantropia, que essa justiça se revela. A esmola humilha, deprime e não passa d'um allivio transitorio. A instrucção eleva, é o melhor instrumento de progresso e de trabalho que se põe nas mãos do homem. O homem diminue, quando recebe uma esmola. Augmenta, quando recebe a instrucção.

Mas mesmo que haja interesse, o interesse do industrial que quer fazer progredir a sua industria, do lavrador que quer tirar maiores lucros da sua lavoura, mesmo que haja um fundo de interesse n'essa libte de instrucção que invade as nações cultas da Europa e da America, mesmo que a melhoria material das classes populares, a que tanto se attende n'esses povos, obedeça ao medo que tem os ricos do *coche se virar*, a verdade é que é um interesse intelligente, interesse de que aproveitam as proprias alimárias. Os dirigentes estrangeiros, ou seja quando exercem um acto individual, ou quando exercem um acto collectivo, usando da propria iniciativa, ou por intermedio da acção do estado, são sempre os alquiladores atilados e previdentes.

Em Portugal, os que vão no tejadilho são tão brutos, tão bo-

caes, uns alarves de tal ordem, que nem reparam que as parellhas não tardarão a cahir extenuadas. E como a estrada cada vez é mais cheia de precipicios e barrancos, ou o carro se volta, que é o mais certo, e lá vão todos de cambalhota, ou fica abandonado no caminho.

Em Portugal partiu-se da grande estupidez de que a exploracão das classes dirigentes durava tanto mais quanto mais se prolongasse a ignorancia publica. Eternos processos de alquiladores arrebetados!

Em Portugal, o medo tambem faz abrir subscripções para a compra de emplastos e linimentos destinados aos estropeados e aos feridos. Mas como os proprios, que abrem essas subscripções, cada vez arruinam mais as estradas por onde o coche transita, as subscripções de nada servem e o perigo subsiste. Seria melhor reparar os estragos já feitos no caminho, e evitar novos estragos no futuro.

A *Assistencia Nacional aos Tuberculosos*, por exemplo, seria uma bella coisa fazendo-se diminuir as causas da tuberculose. Fazendo-se augmentar, é uma institucção que se póde tornar odiosa devendo ser sympathica. Porque dá logar a que o faminto exclame indignado: «Negam-me o pão, negam-m'a a carne, fazem-me viver em tocas, e só se lembram de mim quando estou tysico?»

Na verdade, que diminuíssem o preço do pão, que diminuíssem o preço da carne, que barateassem todas as subsistencias, que fizessem construir, em larga escala, casas baratas e hygieicas para os pobres, e que creassem a *Assistencia Nacional aos Tuberculosos*, comprehendia-se, n'um sentido de philantropia e caridade. Mas o que não se comprehende é que criassem a *Assistencia Nacional aos Tuberculosos* exactamente quando o preço das subsistencias, de todos os generos precisos á vida, subia espantosamente.

Dir-se-hia que a *Assistencia Nacional aos Tuberculosos* não foi creada com um proposito firme de philantropia, mas por apparato, mas por reclame, mas para enganar as pobres alimárias que cahem exhaustas no caminho.

Parece uma hypocrisia. Seja o que for, sempre é melhor, no entanto, do que nada.

Que uma pessoa nos bata, é mau. Mas que nos mande enfor-car, ainda é peor.

Seria bom que nem nos batesse, nem nos mandasse enfor-car. Mas do mal, o menos.

A. B.

Transcripções

O nosso prezado collega *O Debate* transcreveu a nossa ultima *Carta d'Algures*.

O nosso prezado collega *A Voz da Justiça*, da Figueira, tambem transcreveu o nosso artigo *Sentimento do Dever — Espirito de solidariiedade*.

Os nossos agradecimentos.

São em numero de 37 os concorrentes a professores de diferentes grupos dos lyceus.

«A TRIBUNA»

A *Folha* passou a dominar se *Tribuna*. Coincidim esta mudanca de titulo com o 1.º anniversario do illustre collega, que vem muito melhorado com excellentes illustrações.

A *Folha* distinguu-se, com um anno d'existencia, entre o jornalismo portuguez. *A Tribuna* continuará, sem duvida, as suas tradicções, de que é uma garantia a sua magnifica collaboraçãõ.

Desejamos-lhe todas as prosperidades e venturas.

— Conservae sempre pura a consciencia e a alegria será convosco.

CORNETADAS

A *Nova Corneta do Diabo*, ou a *Corneta* do sr. Lima, sem que-remos com isto chamar diabo ao sr. Lima, que não tem folego para tanto, por entre aquelles palavrões que elles ainda tem a ridicula presumpção de julgar que fazem mal aos outros, dizem que cuspimos a nossa *baba repellente sobre tudo o que ha de mais respeitavel em Aveiro*.

E que lhes parece: o *Chico* a declarar-se respeitavel em Aveiro?

Os *Chicas*, os *Réles*, os *Tinhosas*, os *Cabecinhas*, os *Bichezas*, os *Mijarelas* e quejandos.

Eis tudo quanto ha de mais respeitavel em Aveiro!

Cada vez nos convencemos mais de que antes de serem pulhas são profundamente idiotas.

Pretende a mesma *Corneta* que o *Cabecinha*, apadrihado pelo Jayme, fez uma honrada figura quando declarou que retirava tudo quanto disse do sr. Homem de Mello que calumniara infamemente, (confessou-o) quando o accusou *sem indicios e sem provas*.

Honrada figura, não. Honradissima. Até foi d'essa opinião o morgado da Oliveirinha quando *felicitou* o biltresito pela honrada figura que tinha feito.

O morgado da Oliveirinha disse-lhe: «Você honrou a causa e a gazeta. Você portou-se como um homem. Venham de lá esses ossos!»

Todo o mundo sabe isso.

Idiotas! Idiotas!

Chegamos sempre á conclusão de que sendo uns grandes biltres ainda são mais idiotas do que biltres.

Os idiotas nem veem que depois d'essa acta indecente podem dirigir a todo o mundo as maiores injurias e as mais negras accusações que todo o mundo encolge os hombros e passa adiante.

Palma Cavallão & C. — Succes-sores.

Isto, e mais nada.

Fallecimento

Falleceu hontem quasi repentinamente n'esta cidade o sr. João Pedro Soares, proprietario, natural da Murtoza, mas ha muitos annos residente em Aveiro e onde constituiu familia.

Victimou-o um ataque de paralysisia quando passeava no jardim publico.

A seus filhos e genro, sr. Silva Rocha, os protestos do nosso sentimento.

«A Justiça»

Recebemos este periodico republicano de Coimbra, redigido pelo illustre quintanista de direito Fausto Guedes.

Longa vida e prosperidades.

Tribunal judicial

Responden na quinta-feira em julgamento de processo correctivo, Manuel Marques Bento, de Pêra Jorga, accusado do crime de fogo posto e uso de arma prohibida, sendo defensor o sr. dr. Jayme Silva. Foi condemnado em 3 mezes de prisão e 3 mezes de multa a 200 réis por dia, levando-se em conta o tempo de prisão soffrida.

Musica no jardim

O programma que a banda do 24 executa hoje, da 2 ás 4 da tarde, no Jardim Publico, é o seguinte:

Ordinario. *Isabella*, ouverture (Suppé); *Ave Maria*, (Gounod); *Phantasia* da opera *Tributo de Zamora*, (Gounod); *Selection* da opera *Fedora*, (Giordani); *Avia* de tiple d'1.º acto da opera *Trovador*, (Verdi); *Raphaella*, polka (Benjamin).

Ao sr. Commissario de Policia

Ha dias, como noticiámos, deuse um desastre na estrada da Costa Nova, de que foi victima o nosso amigo José Gonçalves Gamellas. Quando este nosso amigo seguia tranquillamente na sua bicycleta, um outro bicycletista, vindo pelo lado de traz, apanhou aquelle nosso amigo, derrubando-o e ferindo-o com certa gravidade.

Sobre este caso não houve até hoje nenhum procedimento policial.

Ora isto não pôde ser. E' o sr. barão de Cadore um homem intelligente, de larga cultura e da melhor sociedade. Não pôde, independente, mesmo, das obrigações do seu cargo, olhar sem repugnancia todas as bestialidades e garotices que, a cada instante, se commettem em Aveiro.

As brutalidades dos bicycletistas, dos carreiros, dos cocheiros, são constantes, dando á cidade um aspecto barbaro. O sr. barão de Cadore pôde e deve intervir energicamente n'essas brutalidades.

No caso do sr. Gamellas não houve, talvez, proposito. Queremos crêr que o não houve. Mas como se faz essa prova? Não é por meio d'um processo regular? Pois um homem vae sobre outro pelas costas, atira-o ao chão, desloca-lhe um braço e a policia fica de braços cruzados?

Bastou n'outro dia que um padre ignobil se lembrasse de dizer que a detonação de uma caixa de phosphoros, esmagada pela roda d'um carro, era a detonação d'um tiro d'espingarda para que a policia levantasse um auto. Os miseraveis, cuja valentia só se manifesta debaixo dos Arcos, protegidos pelos mais repugnantes malandrões, já tomam as detonações dos phosphoros por detonações d'armas de fogo. E a policia dá attenção a esses ridiculos. Agora que um homem floc com um braço deslocado, cahido no chão, d'onde o vão erguer, para o transportarem para casa onde ficou quasi impossibilitado até de se mexer, a policia entende que não tem que averiguar nem que proceder.

Ora isto não pôde ser. E nós confiamos na intelligencia e na rectidão do sr. barão de Cadore.

A NOSSA CARTEIRA

Regressaram a esta cidade, vindos da Costa Nova do Prado, onde estiveram veraneando, os nossos amigos srs. dr. Francisco Antonio Marques de Moura e sua familia, João Pinto de Miranda e sua familia e Luiz Henriques.

Da Praia do Pharol tambem regressou com sua familia o sr. Alberto Pinheiro Chaves, estabelecido com ourivesaria á rua Direita.

Regressou de Coimbra, para onde tinha partido ha dias, o sr. Arnaldo Ribeiro, conceituado pharmaceutico d'esta cidade.

Com destino á Africa Occidental (Cahinda), partiu na quarta-feira para Lisboa, afim de embarcar no vapor «Ambaca», com rumo áquella paragem, o nosso patricio e amigo sr. Luiz Simões Peixinho, estabelecido ha annos de sociedade com seus irmãos n'aquella localidade. Feliz viagem.

Escola «Fernando Caldeira»

Funcionam já no seu novo edificio as escolas industrial *Fernando Caldeira* e a nocturna municipal. Na terça-feira estiveram patentes ao publico, vendo-se na industrial alguns trabalhos de merecimento que se devem a alguns alumnos que tem frequentado a referida escola.

E' um edificio amplo, bem arejado, feito com todos os requisitos modernos e com uma excellente illuminação a bicos incandescentes.

Além de tudo embelleçou tambem o local, desfeado por a casarão velho que agora serviu de alicerce ao novo edificio.

Cubem por isso muitos louvores ao sr. Silva Rocha, digno director e professor da escola *Fernando Caldeira*, que teve a seu cargo a direcção de todos os trabalhos e delimitação da obra, tendo por mestre construtor o novel artista aveirense, Isaias de Oliveira.

Devasso e intrujão

O canalha e réles *Frei Bandalho* que escreve cartas de desculpa a individuos que sempre malquistou e odiou e que por isso teme ser mal recebido em baptizados onde a gula e a cobiça o atraem, entretem-se, como sempre, a levantar torpes calumnias e a pretender lançar no seio de agremiações partidarias que lhe não agradam, a vil intriga e portanto a semente infame da discordia. Mas não péga.

Para quem conhece o trágico poltrão não tem que estranhar tal coisa porque a intriga, a inveja e a hypocrisia foi sempre o elemento predominativo d'aquella alma pôdre e lamacenta.

Infame devasso e relissimo poltrão é que elle foi sempre. Mas para quem não conhece esse jagodes afeminado o caso então

O doutor Abreu começou exercitando a medicina e o commercio, e aufferindo mais ganancia da camphora, do beijoin e do chumbo, que da sciencia das drogas salutíferas. Corridos dois annos, como os bens de fortuna lhe sobrassem, visto que já de Portugal sahira com subjeos para viver melemente, passou á Europa e estabeleceu-se em Hollanda.

Aqui, recebido nos braços de centenares de portuguezes, voltou á profissão de medico, e pôz os seus cabedões a logro, com prosperos resultados. Hollanda era o paraizo terreal dos perseguidos hebreus. «Em parte nenhuma do mundo,—escrevia Daniel Levi de Barros—gosa maior segurança que em Amsterdão, tanto pela liberdade de consciencia nas sete provincias unidas, como pela bondade de seus engenhosos habitantes.»

Hebreus portuguezes e hespanhoes tinham alli sua synagoga, independente dos israelitas de procedencia alemã. Foi a primeira edificada em Amsterdão, consoante o affirma Antonio Alvares Soares na sua *Sylva*:

La primera Synagoga Amstelodama Fundada fué del grand Jacob Tirado,

muda de figura, jámais se elle fôr julgado pelas ladradellas rancozadas de cão *tinioso* de quinta, com que atorlôa, aos sabbados os tympanos aos *numerosos* leitores do seu *canudo*.

Imaginarão até que lhes fala algum homem de brio ou ao menos com alguns vislumbres de dignidade!

Pois nem isso, meus senhores, nem isso. Tudo aquillo é para *inglez vêr*.

O canalha que rabisca no immundo *cano* d'esgoto, enterrado em apodrecido excremento até á bôcca, é nem mais nem menos o ultimo canalha d'Aveiro, o ultimo membro da ultima escoria social.

Dizemol-o com toda a sinceridade e dizemol-o por talvez alguém ter estranhado não termos despedaçado já a caveira ao refinadissimo malandro.

Tem-nos repugnado, até hoje, imporcalharmos um chicote no lazarento corpo d'aquelle animallejo, d'aquelle infimo safardana, que se derreteria certamente em lama pôdre e fedorenta ao mais leve contacto com a sua piteira.

Em lama, porque todo elle tambem é lama. E pôdre.

Vá por isso ladrando á vontade que nós cá o vamos picando de largo, mas com um lenço no nariz por causa do mau cheiro.

Uma pipa de vinho vertida

Na segunda-feira d'esta semana e quando um carro de bois transportava uma pipa de vinho para Joaquim Marques Pecegueiro, de S. Thiago, aquelles espartaram-se e desataram n'uma corrida doida pela descida da Senhora d'Ajuda, vindo esbandalhar-se carro e pipa de encontro a uma pedra que junto aos tanques serve de marco.

Do vinho não se aproveitou nenhum, calculando-se a perda em 60\$000 réis.

Uns suínos que andavam proximo a pastar, vendo aquella faturinha, lançaram-se com gana a beber d'um rego o vinho que ali tinha cahido, agarrando tamanha *carraspana* que o dono teve de carregar com os animaes ás costas.

A culpada foi a conductora do carro que desamparou os bois para dar dois dedos de laracha ao seu *derriço*, um alfaiate d'esta cidade.

— Que nos importa ser pobre de dinheiro, quando se é rico de boas obras?

TYPOGRAPHO

Offerece-se um habilitado para jornal e algumas obras. Trata-se n'esta typographia ou na do *Progresso de Aveiro*.

Que por su nombre Bet Jahacob la llama I por el pueblo de Jacob, sagrado.

Tanto crescera a opulencia dos hebreus da peninsula hispanica, desde que a lerdia piedade dos reis os expulsaram, que, em menos de quatro annos, levantaram e consagraram, em 1673, o mais soberbo edificio que ainda hoje sobreleva a todos de Amsterdão. No crêr dos hebreus, aquelle templo, era o milagre que Deus lhes havia prometido por Ezequiel: «Porque os puz longe entre as gentes, e porque os lancei dispersos por varios paizes, eu serei para elles um pequeno sanctuario dos paizes para onde forem.»

Francisco Luiz de Abreu, assim que se viu de assento e pouco menos de esquecido da patria, logo que a ocasião se lhe amoldou, sem risco do seu amigo Moraes de Villa Flôr, escreveu-lhe, pedindo-lhe a ida do filho de Antonio de Sá Mourão para Hollanda. O pae de Heitor Dias da Paz, respondendo á carta, pedia-lhe com lagrimas que lhe não tirasse o pequeno, porque, além de magoar penetrantemente seu filho, que o estremeia como irmão, podia ser que lhe tolhes-

NÃO MERECE!

Quem quer vêr o *Chica* damna-do é dizer-lhe as verdades e tocar-lhe nas mataduras. Em nós lh'o fazendo (com o agulhão e de largo, está claro), elle ahi vem fêro e iracundo como seissentos diabos em defeza da estafada grey que o alugou e pela qual quebra lanças e deita os bofes pela bocca fóra.

Mas o desalmado fal-o sempre como do costume — repizando na mesma materia, mastigando o mesmo insulto ignobil e soez. E' maltrapilho indecente que não merece as honras d'um pontapé onde as costas mudam de nome. Não merece!

Corridas velocypedicas

Na montra da casa Trindade & Filhos, á rua Direita, acham-se já em exposição os dois primeiros premios da corrida Nacional e o 1.º da corrida *Districtal*, promovidas pela Sociedade *Recreio Artístico* para o dia 15 do corrente.

O primeiro premio da corrida Nacional e offerta da casa Trindade & Filhos, representa uma aguiá arrancando das mãos do homem, (á força) que prosta por terra, um bello relógio que triumphantemente suspende no bico.

E' um perfeito trabalho em bronze prateado.

O 2.º, offerta do sr. Francisco Pinto d'Almeida, é um estôjo de madeira forrado a seda, contendo duas escovas de prata para limpeza dos dentes.

O 3.º, offerta da *Secção Velocypedica* do *Recreio Artístico* para a corrida *Districtal*, é um excellente relógio de aço, o verdadeiro relógio de sport.

Os restantes premios comprehendem medalhas, fitas e diploma de Campeão.

O programma foi hontem apresentado á approvação da direcção do *Recreio*, para depols ser publicado.

Caso original

Relata o *Commercio de Vizeu* que ha dias, na povoação de Pinheiro, freguezia de Santos Evos, d'aquelle concelho, dois *pombinhos* ali bem conhecidos — genro e sogra, loucos de amor um pelo outro, bateram as azas e voaram sem que até hoje se saiba para onde.

E lá ficou a pobre esposa sem mãe e sem marido!

D'onde se vê que nem todos detestam as sogras.

Previsão do tempo

Dia 8—Céu encoberto a oeste e sueste, Malaga, Portugal, Barcelona, Saragoça e Cadiz. Depois ambiente humido e agitação atmospherica na Andaluzia, Oviedo e Corunha; vento fraco do sul e tendencia para mudança meteorologica, para terminar com tempo aprazivel.

De 9 a 12—Regimen forte de oeste, borrasca no Atlantico, chuva em Valencia, Badajoz e Salamanca; chuveiros em Jaen, Portugal e Ciudad Real e tempo burrascoso no centro. Depois noroeste duro, temporal no littoral, terminando este periodo com uma borrasca geral e chuvas.

se o futuro, ou, com a ideia, suggestisse á inquisição suspeitas e apparelhasse desgraças para os que lhe estavam debaixo da vista fulminante.

Relatava-lhe a perseguição que os Oliveiras de Ourem estavam soffrendo, desde a fuga na nau da carreira da India, e o certo perigo que corria a creança, se levissimas suspeitas o indigitassem como filho de Francisco de Abreu.

O medico desvaneceu as esperanças da sua mulher, que era mais ferozosa em pedir o seu filho adoptivo. D'esta correspondencia nem palavra Francisco de Moraes revelava á creança, por medo que a indiscrição propria dos annos acareasse desconfinças da espionagem, que sem tréguas espreitava os actos dos judeus abastados. Moraes pedia ao seu amigo que lhe escrevesse pouco e com muita segurança, para que as suas cartas não tivessem destino igual ás de Pedro Lopes, residente em Damasco.

Senhor do seu tempo e liberdade, o doutor Francisco Luiz foi a França inquirir de novo informações de Antonio de Sá. Nada adiantou ás collidas pelo joalheiro de Villa Flôr.

De 13 a 15—Regimen frouxo do norte; em seguida bom tempo m^{as} humido; suêste frouxo e ondulante, bom tempo outonal e tendencia para chuvas proprias da estação.

Para os tuberculosos

Acabam de se installar definitivamente em Londres, camaras de vidro em que os tuberculosos não respiram senão ar perfeitamente puro, desembaraçado de qualquer germen bacilar.

Este ar é tão hygienico como o dos Alpes.

Macrobia

Na Gafanha de Vagos falleceu na semana passada Luiza Ferra, a *Calhóa*, com a bonita idade de 120 annos.

Era muito rija, nunca soffreu doencas e morreu com todas as suas facultades.

A lendaria Joanna da Gramata ficou d'esta feita supplantada pela Luiza Calhóa.

Boa vacca, bom toucinho, boa garrafa de vinho. Bom pedaço de presunto, não acompanhar defunto, Ter dinheiro em quantidade, viver sempre na cidade. Não ter molestia de peito, não soffrer debilidade. namorar moças a oito é isto que quer o frade.

AGRICULTURA

SEMENTEIRA DAS BATATAS

Agora que estamos proximos da sementeira das batatas é conveniente lembrar á grandissima conveniencia de escolher bem as sementes.

Deve ter-se muito em vista que ella esteja perfeitamente sã e laval-as com agua morna, deitando-se-lhe uma mancheia (20 grammas por litro) de caparrosa verde, que se vende barata.

Quem quizer ter a certeza de que a semente é boa, deve experimental-a antes, semeando uma pouca em um alguidar. Se vier bem, é boa.

Não se deve escolher para semente o grão que tenha vindo da mesma terra em que se vae fazer a sementeira; o de outras terras—e terras boas—é sempre melhor.

ESTRUMES

Fugi, lavradores, de tórdes os vossos ostrumes á soalheira; guardao-os do sol, so não quereis que elles percam toda a força.

Só os deveis levar para o campo quando tiverem de ser espalhados na terra.

As vossas pilhas de esterco devem estar abrigadas do sol, para não seccarem.

Deveis atirar para cima d'ellas com urina e aguas dos curraes.

Vereis como assim tiraes mais proveito dos estrumes.

O modo como hoje se preparam os estrumes contribue para que elles fiquem muito pobres, quando é facil tornal-os muitissimo ricos.

Se puzerdes as pilhas de esterco em cima de uma calçada em fórma de maceira, podeis recolher as aguas que se escodem d'ellas em um buraco e tiral-as depois umas poucas de vezes, para regardes a pilha.

Assim, com pouca agua arranjareis tudo pelo melhor.

O navio, que navegava para Canadá, parecia que as ondas o tinham engulido e pulverisado nas profundezas dos seus abysmos. Nem a mais ligeira suspeita de que existisse um folego vivo d'aquella nau, a não ser que as duas galeotas de fibusteiros, então ancoradas na costa de S. Domingos, podessem dar noticia do naufragio.

Recolheu o doutor a Amsterdão com as esperanças de todo perdidas.

Seis annos decorridos, chegou á familia dos Moraes, residente em Hollanda, a nova de estar nos carceres da inquisição de Lisboa Heitor Dias da Paz. Foi grande lucto e choro nas familias portuguezas de Amsterdão, entre as quaes tinha sido creado e educado o mocinho. Abriam-se as synagogas, e prostraram-se os de Israel, pedindo ao seu Deus que lhe redimisse da morte affrontosa do garrote e do fogo o mancebo, cuja genealogia promanava já da tribu de Levi. Bem sabiam elles que Heitor Dias da Paz havia de morrer proficiente da lei de Moysés, e sómente por milagre do Senhor poderia salvar-se de morrer queimado.

(Continúa.)

FOLHETIM

(28) CAMILLO CASTELLO BRANCO

O OLHO DE VIDRO

(Romance historico)

X

Os expatriados

Tinta e quatro annos antes, se o leitor se lembra, tinham fugido para a India, em uma nau mercantil, o doutor Francisco Luiz de Abreu e sua mulher, disfarçados em mercadores de drogas indostanicas.

Assim que aportaram a Gôa, antes que os quadrilheiros da inquisição os fizessem com aquelle olfacto d'elles, subtilissimo em esquadriñar sangue judaico, apressaram-se em fugir do territorio portuguez. No primeiro navio britânico apanhado á costa do Malavar conseguiram os incognitos embarcar-se e saltarem em Cochim, na cidade querida do grande Affonso de Albuquerque, a qual, desde 1663, pertencia aos hollandezes. Estavam salvos.

Bibliotheca HORAS ROMANTICAS

Collecção de obras litterarias e scientificas notaveis, dos melhores auctores, antigos e modernos, nacionaes e estrangeiros

100 REIS CADA VOLUME
ROMANCE, POESIA, THEATRO, ARTE, HISTORIA, CRITICA

Edições esmeradamente revistas, traducções confiadas aos melhores escriptores, obras de auctores antigos e contemporaneos

PUBLICAÇÃO MENSAL AOS VOL. DE 160 A 200 PAG. 100 REIS O VOLUME

Cada pagina de leitura por menos de um real

IDEA E FINS DA PUBLICAÇÃO

O fim d'esta publicação é o de concorre para que o povo portuguez conheça a sua litteratura e a dos outros povos, por meio da vulgarisação d'obras primas tornando-as familiares e accessiveis a todos. De nenhuma outro modo poderia a Bibliotheca Horas Romanticas conseguir este seu principal objecto, que não fosse o de se facilitar ao alcance de todas as fortunas, pelo seu preço baratissimo.

A Bibliotheca Horas Romanticas publicará de cada auctor, o mais selecto, o melhor, o que é indispensavel ser conhecido. O seu formato será elegante, commo e portatil. Abundantissima a leitura de cada volume. A sua barateza inextinguivel.

E' nosso empenho conseguir que a Bibliotheca Horas Romanticas seja tão instructiva como delectosa; que os seus livros possam chegar ás mãos de todos constituindo em todas as familias e em todas as corporações associativas uma encyclopedia consoladora, a qual todos estimem e tragam frequentemente manuseada. Os volumes da nossa Bibliotheca offerecerão a facilidade de serem lidos durante os ocios das diversas occupações quotidianas de cada leitor. A Bibliotheca Horas Romanticas será uma collecção preciosa de verdadeiras obras primas.

VOLUMES PUBLICADOS

- N.º 1 a 8—«Quo vadis?» por Henry Sienkiewicz.—N.º 4—«Vida e aventuras de Lazarillo de Tormes», por Diego Hurtado de Mendoza e H. de Luna.—N.º 5—«Eulalia Pontois», por F. Soulié.—N.º 6—«A amareira fatal», por E. Berthet.—N.º 7—«O Senhor Eu», por Salvatore Farina.—N.º 7ª e 7b—«O fogo», por Gabriel d'Annunzio.—N.º 8—«Caricias d'uma noiva», Bjornstjerne de Bjornson.—N.º 9—«Palavra de soldado», por Jorge Elwall.—N.º 10—«A pelle do Leão», por C. de Bernard.—N.º 11 a 13—«A morte dos Deuses», por Dostoy de Merejkowsky.—N.º 14—«A corda do carrasco», por Petosi.—N.º 15—«Idyllios á beira d'agua» (2.ª edição), por Alberto Pimentel.—N.º 16—«Terras malditas», por V. B. Ibanez.

Remette-se qualquer d'estos volumes, FRANCO DE PORTE, a quem enviar a sua importancia a «A Editoras» (antiga casa David Corassi)—Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

ANNUNCIOS

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de couros, em leilão todas as segunda-feiras no meio dia, em lotes correspondentes á matança de cada dia.

As condições estão patentes no acto da arrematação.

Venda de sebo, tripa, sangue secco para adubos, estume, etc.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

METHODO JOÃO DE DEUS

Cartilha Maternal ou Arte de Leitura, (1.ª parte) approvada pelo governo, 16.ª edição, br. 200 réis; cart. 300 réis.

Deveres dos Filhos, (2.ª parte ou 2.º livro de leitura), br. 200 réis, cart., 300 réis. 16.ª edição app. pelo governo.

Album, ou livro contendo as lições da CARTILHA, preço 5000 réis.

Quadros parietaes, ou as mesmas lições da CARTILHA MATERNAL em 35 cartões, preço, 6000 réis.

Arte de escripta, nove cadernos, a 30 réis; collecção, 270 réis.

O Methodo de escripta, vende-se aos CADERNOS ou ás COLLECÇÕES.

DO MESMO AUCTOR

A Cartilha Maternal e o Apostolado, (celebres polemicas sobre questões de pedagogia), 1 vol. de 280 paginas, preço 500 réis.

A Cartilha Maternal e a Critica, methodo de João de Deus, com prologo do dr. Trindade Coelho, 1 vol. de 372 pag. 570 réis.

Prosas, (narrativas, cartas, prologos, criticas, etc., coordenadas pelo dr. Theophilo Braga, 1 vol. de 745 pag., br. 800 réis

Campo de Flores, 3.ª edição de versos, coordenados pelo dr. Theophilo Braga, um elegante volume de 525 pag., com dois bellos retratos do auctor, preço, br. 700 réis.

Opusculos pedagogicos de João de Deus Ramos.

Guia theorico e pratico da Cartilha Maternal, (obra indisciplinavel que ensinam a ler pela arte de leitura de João de Deus), 160 réis.

Os altos principios do Methodo de João de Deus, 300 rs

Todas estas obras escolares (de leitura e escripta) do methodo de João de Deus acham-se approvadas pelo governo, e encontram-se á venda nas principaes livrarias de Portugal. Descontos para revender os do costume.

Os municipios, directores de collegios e professores de escolas tambem terão descontos especiaes.

Pedidos ao deposito geral das obras de João de Deus, Largo do Terreiro do Trigo, n.º 20, 1.º LISBOA.

Os srs. professores ou directores de collegios que pretendam quaesquer explicações acerca das obras escolares de JOÃO DE DEUS, podem dirigir-se á viuva do auctor (ou ao dr. João de Deus Ramos), rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), Lisboa, aonde continuam a dar-se CURSOS GRATUITOS, explicando o referido methodo.

CONSULTORIO DENTARIO DE THEOPHILO REIS

Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra

Extrahê, obtura, colloca dentes e encerra-se do concerto de dentaduras

R. DIREITA, 58, 1.º Aveiro

BAGAÇOS ALIMENTARES
VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos es melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA ACREDITADA FABRICA

«PFAFF.»

Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

São estas as melhores machinas de costura

- A machina «PFAFF» para costureiras.
- A machina «PFAFF» para alfaiates.
- A machina «PFAFF» para modistas.
- A machina «PFAFF» para sapateiros.
- A machina «PFAFF» para seleiros.
- A machina «PFAFF» para corrieiros.
- A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambraia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada. A prestações e a dinheiro com grandes descontos. Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes. Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura. Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remetem gratuitamente. Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA-SANGALHOS

«Povo de Aveiro., Em Lisboa, vende-se na tabacaria Monaco.

Aos agricultores

Adubo organico para terras, vende-se a retalho e em sacas de 75 kilos, no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe—AVEIRO.

Este adubo, com resultados maravilhosos para a cultura das terras, convém especialmente para as terras calcareas, dependendo a quantidade a empregar-se da qualidade do terreno a que for applicado. Tratando-se d'uma cultura importante é conveniente submeter a analyse da terra ao agronomo da localidade para elle estabelecer essa quantidade.

No mesmo estabelecimento tomam-se encomendas de canas de junco.

RUDIMENTOS DE AGRICULTURA
POR ANTONIO X. PEREIRA COUTINHO

LIVRO APPROVADO NO ULTIMO CONCURSO PELA DIRECCÃO GERAL D'INSTRUCÇÃO PUBLICA

PREÇO PELO CORREIO, 280 REIS

A' venda em todas as livrarias do continente, ilhas e ultramar, e na CASA EDITORA

LIVRARIA AILAUD
Rua do Ouro.—242-1.º LISBOA

A NOVA PHASE DO SOCIALISMO

POR JOÃO DE MENEZES
A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160—LISBOA.

Preço 200

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes Clement e machinas de costura Memoria, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e cordas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviamencomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.